

DESAFIOS NO ENSINO FUNDAMENTAL: POR UMA EDUCAÇÃO ÉTNICO CULTURAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria Cecília de Paula Silva

Faculdade de Educação (FACED)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
cecilipaula@gmail.com

Lilian Quelle Santos de Queiroz

Departamento de Letras e Artes (DLA).
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
lilian@uefs.br

Resumo

As questões que norteiam essa reflexão, partem de uma aproximação com alunos de escolas do município de Cachoeira, situada na região conhecida como recôncavo baiano e de reconhecida relevância história e cultural como podemos citar: O que é ser negro em uma Cidade onde a descendência de negros escravizados predomina nas gerações há mais de dois séculos sem alimentar um sentimento de pertença a essa realidade? Partindo desse e fomentando outros questionamentos pertinentes, propomos uma discussão sobre a formação da identidade cultural a partir da educação básica pois entendemos que é necessário questionar para conhecer e, sobretudo despertar uma consciência crítica em um momento crucial da formação humana no espaço escolar que é o espaço oportunizado pelo ensino fundamental.

Palavras Chave: Educação Básica, Cultura local, Educação Étnico Racial.

CHALLENGES IN PRIMARY EDUCATION: FOR A CULTURAL ETHNIC EDUCATION IN BASIC EDUCATION

Maria Cecília de Paula Silva

Faculdade de Educação (FACED)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
cecilipaula@gmail.com

Lilian Quelle Santos de Queiroz

Departamento de Letras e Artes (DLA).
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
lilian@uefs.br

Abstract

The questions that guide this reflection, departing from an approach with students waterfall municipal schools located in the area known as Bahia Reconcavo and recognized relevance and cultural history as we can mention: What it is to be black in a city where the enslaved black descent predominate in the generations for more than two centuries without feeding a sense of belonging to this reality? Based on this and promoting other relevant questions, we propose a discussion on the formation of cultural identity from the basic education because we believe it is necessary to question to know and above all awakening a critical conscience in a crucial moment of human formation in the school environment that is space the elementary school.

Keyword: Basic Education, Local Culture, Education Racial Ethnic.

1. Introdução

Conforme informação divulgada no Portal Oficial do Ministério da Educação fica claro que “a educação básica é o caminho para assegurar a todos os brasileiros a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes os meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores⁴⁰”. Portanto, pode-se considerar que é nessa fase do processo de desenvolvimento da relação ensino aprendizagem que se deve oportunizar aos educandos uma educação aproximada ao seu entorno local, a sua vivência e as suas raízes, pensando em um sentido de formação integral, para que ele possa assim ter elementos que oportunizem adquirir uma visão ampliada da realidade a qual está inserido, bem como perceber e interagir junto a realidade a qual o circunda.

Nesse sentido a Lei 10.639/03, que versa sobre a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, complementada posteriormente pela 11.645/08, a qual acresce a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Indígena, incorre na tentativa de preencher uma lacuna legada as matrizes formadoras do povo brasileiro que por sua vez, se mantinham, por uma hegemonia dominante e que por longa data esteve isenta de relevantes questionamentos, afastadas do contexto educativo, ou vistas como menos valorosas que demais influências como a europeia por exemplo.

O que não se pode assegurar ainda é que com as instituições dessas leis, valorosas para o contexto educacional brasileiro, estão de fato sendo transmitidos, discutidos e experienciados esses conteúdos dentro dos espaços escolares, como de fato estaria descrito no cumprimento dessas normas. Aparecem, a partir daqui, as dificuldades em encontrar

⁴⁰ Acesso via internet através do endereço eletrônico <http://portal.mec.gov.br> em 21 de setembro de 2012, constam ainda os documentos que regem os princípios da educação básica são: A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e o Plano Nacional de Educação (PNE), Lei nº 10.172/2001, regidos, naturalmente, pela Constituição da República Federativa do Brasil.

maneiras diferenciadas de abordagem e soluções para problemáticas que vão surgindo no decorrer do percurso.

Faz-se necessário ter a clareza de que existem barreiras no que diz respeito a trabalhar com a diversidade cultural, sobretudo em sala de aula e com as diferentes formas de discriminação camufladas que invadem todos os espaços de aprendizagem, uma vez que em muitos casos, os próprios educadores não obtiveram formação para romper com tais problemáticas e não se veem imbuídos num processo de emitir resistência ao que está posto.

As questões que norteiam essa reflexão, partem de uma aproximação com alunos de escolas do município de Cachoeira, situada na região conhecida como recôncavo baiano e de reconhecida relevância história e cultural como podemos citar: O que é ser negro em uma Cidade onde a descendência de negros escravizados predomina nas gerações há mais de dois séculos sem alimentar um sentimento de pertença a essa realidade? Ou ainda o que é frequentar a escola e demais espaços culturais sem sentir-se e saber-se negro dentro desses espaços? Ou ainda simplesmente o que é ser afro-brasileiro na realidade atual?

Destacamos ainda que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – (IBGE, 2009) o índice de alunos matriculados nas séries da educação básica chega a mais seis mil e quatrocentos alunos comparados a mil e novecentos e setenta e três no ensino médio e mil e duzentos e sessenta e nove na pré escola, distribuídos em Cachoeira (cidade sede) e seus distritos Belém de Cachoeira e Santiago do Iguape, o que reforça a relevância em debruçar um estudo sobre essa parcela significativa do contexto educativo local.

Outros questionamentos permanecem vivos sobre o ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira e na tentativa de elaborar estratégias de transformar dificuldades em “momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz a nossa cultura e a nossa identidade nacional” (MUNANGA, 2005), é necessário questionar para conhecer e,

sobretudo despertar uma consciência crítica em um momento crucial da formação humana no espaço escolar que é o espaço oportunizado pelo ensino fundamental.

2. Manifestações culturais em cachoeira e a sala de aula

Cachoeira margeada pelo rio Paraguaçu, é uma cidade situada a cerca de cento e dez quilômetros da capital da Bahia, e internacionalmente conhecida pelas suas festas populares, culinária peculiar como à divulgada maniçoba e manifestações culturais movidas pela participação de populares e pelas pessoas de religião ligadas ao candomblé⁴¹.

No que diz respeito à educação fundamental na cidade, segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-2009), foram matriculados 6401 alunos em escolas da rede estadual, municipal e privada no ensino fundamental, o que corresponde a 66,4% do contingente de alunos cachoeiranos comparados aos 13,2 % de alunos matriculados na pré-escola e aos 20,5% matriculados no ensino médio. Podemos verificar o porquê de concentrar esforços no sentido da formação, uma vez que no ensino médio os ânimos estão voltados para prosseguimento dos estudos, vestibular ou na grande maioria dos casos para o mercado de trabalho e na pré-escola os conteúdos não seriam devidamente assimilados.

Elegemos para fazer parte desse estudo às escolas estaduais da cidade das quais oito foram previamente mapeadas. Dentre as oito escolas estaduais, do universo da educação formal, que se localizam no território urbano da Cachoeira, três foram visitadas por este estudo. No intuito de investigar a apreensão da cultura local por parte dos

⁴¹ Maniçoba é uma refeição feita com folhas de mandioca cozidas e moídas, semelhante a uma feijoada, mantendo cuidado com o preparo, sobretudo com as folhas para que se retire um ácido venenoso que as mesmas contêm.

Sobre as festas com ligação ao candomblé destaca-se a Irmandade da Boa Morte, festividade que acontece todos os anos na segunda quinzena do mês de agosto, percorrendo as ruas da cidade de Cachoeira e distribuindo alimentos. (Informações fornecidas por moradores locais durante a pesquisa)

educandos bem como visibilizar a cultura corporal enquanto possibilidade de apreensão educativa e fortalecimento da identidade Cachoeirana, a parte urbana e não rural da cidade foi elegida, por conta da relação que as manifestações culturais da cidade mantém com esse espaço. As procissões, a decoração das ruas, as rodas de capoeira que se formam convergem seu diálogo para o espaço urbano da cidade.

A escola aqui é apontada como lugar de pesquisa, por entendê-la como um dos principais motores para a compreensão e formação identitária, portanto se faz necessário entender como se da à dinâmica de ensino e apreensão de expressões da cultura local, conteúdos que usualmente não seria contemplado pelo currículo escolar formal, dentro das escolas, a menos que passemos a compreender que a educação tende assumir a estrutura da cultura ao qual pertence e a cultura, portanto, se “prolifera” através do processo educativo.

A pesquisa, junto à comunidade da Cachoeira, consistiu-se em dois momentos distintos: observações e visitas. No primeiro momento da pesquisa, em que foram observadas e registradas através de fotografias as escolas, bem como as festividades da Irmandade e o entorno com a comunidade e com os visitantes. Diante desses dados imagéticos e discussões com o grupo de pesquisa, o segundo momento se dedicou a visitar as escolas afim de ouvir alunos, diretores, coordenadores e professores espontaneamente e através de entrevistas semi-estruturadas, no sentido de identificar atividades realizadas com os alunos que envolvessem a temática da Cultura Afro Brasileira.

Em sua maioria os professores de ensino fundamental, das escolas estaduais pesquisadas em Cachoeira, foram enfáticos em salientar que uma das dificuldades mais representativas em trabalhar os conteúdos relativos ao ensino da História e Cultura Afro Brasileira concentrava-se na religião praticada por parte dos educandos, bem como de seus familiares. Quando questionados pela falta de interesse em assuntos vinculados a Cultura Afro-Brasileira cerca de quarenta por cento dos alunos, segundo os professores, manifestavam-se contra ao ensino por

praticarem religiões que não tem relação direta com as religiões afro-brasileiras, sobretudo o candomblé. E nesse ponto os professores esbarravam em uma questão ética difícil de ser combatida, pois se em casa os alunos são orientados a não se aprofundar em tais questões por causa da religião, como colocar a autoridade dos genitores em cheque nesse momento? Como fazê-los entender que a questão está para além de qualquer religião? É antes de tudo uma questão histórica e nacional uma vez que as manifestações culturais são consideradas como “Patrimônio Cultural Imaterial”.

O Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) diz que

A Constituição Federal de 1988, nos artigos 215 e 216, estabeleceu que o patrimônio cultural brasileiro é composto de bens de natureza material e imaterial, incluídos aí os modos de criar, fazer e viver dos grupos formadores da sociedade brasileira. Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas e nos lugares, tais como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas. Essa definição está em consonância com a Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, ratificada pelo Brasil em 1º de março de 2006, que define como patrimônio imaterial "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural".

Ainda sobre os bens de caráter imaterial o IPHAN diz que

Enraizado no cotidiano das comunidades e vinculado ao seu território e às suas condições materiais de existência, o patrimônio imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado e apropriado por indivíduos e grupos sociais como importantes elementos de sua identidade⁴².

A intolerância que cerca a diversidade ainda é um grande tabu no que diz respeito à Cultura Afro-Brasileira. O que configura um grande empecilho na apreensão da mesma. O grande desafio é mostrar aos alunos a importância de se apreender a cultura material, bem como a imaterial que nos foi legada através das gerações, compreender o contexto histórico a fim de se formar uma consciência crítica a cerca da realidade que nos cerca e poder assim modificá-la quando necessário.

Outro ponto de divergência em sala de aula e de grande repercussão entre os alunos diz respeito à moradia. Muitos educandos tem que se deslocar para as escolas situadas na Zona Urbana da cidade uma vez que residem na Zona Rural e entendem que estão naquele espaço apenas para cumprir com suas obrigações letivas e não para se “envolverem”, como muitos colocaram nas questões da cidade. Muitos trabalhavam e somente utilizavam o tempo de permanência na escola para estudar, ou seja, não possuíam nenhum outro momento para dedicar-se a entender questões relativas à cultura local, nem muito menos as questões relativas à Cultura Afro-Brasileira, que em grande maioria, se fundem em uma coisa apenas, uma vez que a cultura local tem suas raízes embasadas nas referências africanas.

Outro fator observado pela pesquisa versa sobre o lugar onde as escolas se localizam na cidade de Cachoeira, cada bairro pode trazer

⁴² Informação encontrada no endereço eletrônico do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional através do <http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/conPatrimonioE.jsf> com acesso em 21 de setembro de 2012.

fatores que irão aproximar ou distanciar os alunos do âmbito escolar e/ou de seus conteúdos, sobretudo no que diz respeito à Cultura Afro Brasileira. O que ficou evidenciado na pesquisa foi que nas escolas onde a religião, sobretudo de matriz africana como o candomblé, é elemento recorrente nas famílias, ou quando os alunos estão envolvidos em grupos de capoeira, samba de roda ou nas filarmônicas, que são comuns na cidade, esses alunos tendem a uma receptividade maior dos conteúdos. Nesse caso, se faz necessário ao professor conhecer o universo dos alunos e fazer com que esse conhecer venha potencializar sua prática docente.

Precisamos refletir sobre a condição humana e sua natureza, refletir sobre um ser que é por essência cultural, que demanda das suas relações com o outro e com o lugar que ocupa numa dada sociedade para ser o que é: um corpo constituído e ressignificado historicamente, cujas práticas culturais são assimiladas, apreendidas e “re-transmitidas”, e reverberam em construtos e significados por ele (homem-corpo) elaborados, construindo assim o seu princípio de identidade; buscando assim a emancipação através da cultura e da educação.

Essa reflexão deve reverberar numa prática comprometida com a docência e a concepção pedagógica dos educadores. Na cidade de Cachoeira os professores entrevistados se mostraram dispostos e pensativos em suas ações dentro das salas de aula no sentido de motivar os alunos a frequentarem os espaços escolares e buscarem complemento para esse conhecimento.

No tocante a formação dos professores, não se pode negar que a Lei 10.639/03⁴³ consiste num passo importante para a consolidação da cultura afro-brasileira dentro da escola. No entanto, notadamente a instituição da lei não finda os problemas tão amplamente consolidados. Embora o estado desde a promulgação da lei, na

⁴³ Vale reforçar que a lei 10. 639/08 “Institui a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Essa decisão resgata historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira”. (Diretrizes Curriculares Nacionais, p 8, 2004)

tentativa de nutrir os professores dessa nova realidade venha elaborando cursos de formação na História de Cultura Negra, Africana e Indígena, esta última mais estimulada a partir da Lei 11.645/08, se pode perceber que a efetivação da lei demora a se firmar nas escolas, esses conteúdos de maneira integral, ou seja, durante todo período letivo. Na cidade de Cachoeira, excepcionalmente, verifica-se que em disciplinas como Sociologia, Cultura Negra e Cultura Baiana, existe uma expressiva tentativa de fazer a lei, de fato, sair do papel.

Outro ponto evidenciado na pesquisa versa sobre a questão étnica e a noção de pertença (HALL, 2006) na identidade Afro-Brasileira. Quando inquiridos sobre a cor de pele e etnia a qual se identificavam a predominância assentou-se na cor parda, ainda que visualmente se perceba uma descrição física diferente. Um dos fatores que motivam essa negação, como nos explica ANDRÉ (2008) está no fato de que

O “ser” negro é visto, historicamente, como fenômeno negatizado e, por isso necessitou ser explicado pela Igreja, e pelas disciplinas acadêmicas: Biologia, Geografia, Etnologia, Antropologia, Direito, dentre outras, pois era presentificado como anormal. De acordo com registro de viajantes à África negra, essa população foi considerada impura. (...) A partir dessas perspectivas, o negro é estudado como um “fenômeno diferente”, ora analisado como “criação divina”, ora como “obra da natureza”, mas sempre interpretado como defeituoso. (ANDRÉ, 2008)

Com a exposição da autora, não fica difícil de entender porque historicamente habituou-se corresponder à imagem do ser negro como inferior desprovido de inteligência, subjugado e da resistência dos educandos em se assumirem e sentirem pertencentes com uma origem conturbada e depreciada como a de origem africana. A autoestima dos alunos deve ser levada em consideração no sentido de pensarmos na

desconstrução dessa imagem tão oportunamente enraizada, pela cultura dominante, no imaginário do povo brasileiro como o todo. Deveria sim alimentar um sentimento de orgulho, uma vez que os negros vindos da África, bem como os seus descendentes, edificaram a nação que conhecemos hoje, e muitas vezes a base de muito sangue. A construção de identidade(s) cultural (is) se faz necessária e deve partir dos conhecimentos transmitidos dentro da escola, uma vez que a identidade fortalece o entendimento de cultura, de lugar, de corpo e de ser no mundo e a alteridade, importante a compreensão das diferenças.

Pensando em identidade como um processo dinâmico de afirmação e representação, tanto de coletividade quanto de individualidade, é necessário compreender a articulação dos movimentos que os constituem, quer estejam eles alicerçados nas relações de poder, como destaca Tomaz Tadeu da Silva (2005); quer estejam onde as categorias de identificação universal (homens, mulheres, negros), na modernidade, não são mais suficientes para esgotar o entendimento do termo, como destaca Stuart Hall (2006), uma vez que podemos ter ou mesmo pertencer a “várias identidades” em construção.

Que as identidades são fenômenos construídos é consenso entre muitos pesquisadores no âmbito das ciências humanas, os dilemas se situam em torno de como se dá essa construção e quais fatores sobre ela atuam, influenciam e por ela são influenciados. Para Kabenguele Munanga o processo de tomada de consciência das diferenças é o catalisador para o trajeto de formação identitária, desse modo o autor salienta que:

O conceito de identidade evoca sempre os conceitos de diversidade, isto é, de cidadania, raça, etnia, gênero, sexo, etc. com os quais ele mantém relações ora dialéticas, ora excludentes, conceitos esses também envolvidos no processo de construção de uma educação democrática. Todos nós, homens e mulheres somos feitos de diversidade. Esta, embora esconda também a semelhança, é geralmente traduzida em diferenças de raças, de culturas, de classe, de sexo ou de gênero, de religião, de idade, etc. A

diferença está na base de diversos fenômenos que atormentam as sociedades humanas. As construções racistas, machistas, classistas e tantas outras não teriam outro embasamento material, a não ser as diferenças e as relações diferenciais entre seres e grupos humanos. As diferenças unem e desunem; são fontes de conflitos e de manipulações sócio-econômicas e político-ideológicas. Quanto mais crescem, as diferenças favorecem a formação dos fenômenos de etnocentrismo que constituem o ponto de partida para a construção de estereótipos e preconceitos diversos. (MUNANGA, 2004)

A diversidade só não deve servir de pano de fundo para o aumento das ações discriminatórias e extremistas que massacram a sociedade, a exemplo do racismo e da xenofobia fenômenos muitas vezes velados socialmente, que se camuflam sobre o discurso das diferenças. As diferenças existem, e, de fato, conviver com a multiplicidade, que é o outro, não consiste em uma tarefa das mais fáceis, das mais equilibradas. A diversidade, como nos sinaliza Munanga, é matéria prima geradora de todos nós, enquanto sociedade e enquanto indivíduos. É dela e é nela que partimos para o processo de criação das nossas escolhas, das nossas identidades. O Brasil, um país tão plural, de matriz constituinte tão variada, composta por colonizadores europeus, índios, africanos, e ainda urge ascender na caminhada junto ao respeito e ao diálogo para compreensão das diferenças dentro de sua própria casa. Este talvez seja a principal identidade da qual todos devemos buscar: a valorização das diferenças e o respeito a diversidade.

3. Cultura, corpo e educação como dissociar?

Educar um homem como um ser social é ir além da simples adaptação a essa sociedade. É torná-lo capaz de ultrapassar as mudanças sociais que resultarão necessariamente da evolução das relações dos homens entre si.

Heloisa Bruhns

(Conversando sobre o corpo, 1994).

A tarefa a qual nos propõe a epígrafe preza por uma proposta de educação no mínimo emancipatória. Ao mesmo tempo nos leva a refletir sobre o sentido de se pensar a educação e principalmente o que move e a que se destinam os princípios educativos. Perguntamo-nos então diante dessa afirmação para que educar? Com o que (quais conteúdos) educar? E enfim, mas não menos importante o que afinal seria educação pensando direcionadamente no que tange a Educação Básica?

Mas há que se pensar também nas formas como a educação se processa e como ela se dá de fato. E sabemos que existem muitas formas do processo educativo acontecer. No processo da pesquisa de campo, umas das professoras mais antigas entrevistada na Escola Estadual Edivaldo Brandão Correia, em Cachoeira, nos coloca em meio ao seu discurso a sugestiva afirmação: “a educação acontece até embaixo de um pé de árvore”, a professora nos coloca a afirmação diante da pergunta: qual a importância da educação na sua vida? E diante da afirmação dela nós pensamos que verdadeiramente assim o é, sem negar em nenhum momento a importância do espaço escolar na formação humana, mas não se pode evitar que as ligações que se estabelecem nas relações de ensino e aprendizagem se dão em qualquer dimensão do humano, independentemente do lugar em que se encontre ou mesmo de uma ciência própria que a defina, portanto basta ter atividade corporal para ter educação.

Carlos Rodrigues Brandão (1985) nos traz um exemplo da amplitude do processo educativo ao dizer que:

A educação é o território mais motivado desse mapa. Ela existe quando a mãe corrige o filho para que ele fale direito a língua do grupo, ou quando fala a filha sobre as normas sociais de “ser mulher” ali. Existe também quando o pai ensina a polir a ponta da flecha, ou quando os guerreiros saem com os jovens para ensiná-los a caçar. A educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da

aventura de ensinar-e-aprender. (BRANDÃO, 1985)

Pensando a educação como um grande mapa a se percorrer a caminho da mobilidade e compreensão social, percebemos dessa maneira que ela (a educação) está em todos os lugares, em vários momentos da vida e nas mais variadas relações entre as pessoas, o que nos traz a seguinte concepção:

Assim sendo, podemos dizer que toda forma de educação é uma caminhada ascendente de um indivíduo, num processo de individuação, re-significação, de estações que conduzem para os entendimentos da experiência que a humanidade, a sua espécie, realizou durante épocas anteriores. É uma caminhada histórica para conhecer a saga, a aventura da humanidade, da ciência, e dos homens que antecederam seus produtos, sua cultura, seus desafios e atributos e qualidades. (BORDAS, M; SILVA, M., 2008)

Diante do exposto, retomamos mais uma questão ligada à educação que tange o percurso histórico e a cultura apreendida pelos indivíduos e desemboca nos termos do que se ensina (e do que não se ensina) e de qual é afinal a grande questão a que compete à educação. Se a educação é em si um percurso, uma tomada constante de decisões, um estar no mundo ligado a transmitir algo a alguém, portanto interagir mediante atuação do corpo, logo “a tarefa da educação pode consistir em proporcionar aos indivíduos os caminhos para chegar ao conhecimento histórico da experiência que outros indivíduos realizaram. É uma exigência histórica, antropológica e humana. (BORDAS, M; SILVA, M., 2008)”. Uma experiência histórica iluminada de sentido, dentro de uma concepção própria de cultura e experiência cultural.

A concepção de cultura aqui apreendida baseia-se na produção humana, material e simbólica, bem como no arcabouço de práticas resultantes desse processo, corpóreas bem como subjetivas, na

tentativa de compreender as relações humanas e tecer significantes destes, com o lugar onde se encontram. A cultura foi à própria condição de existência do homem, portanto é da natureza do homem ser um ser cultural (GEERTZ, 1989). Nesse sentido, a cultura pode ser entendida ainda como uma trajetória do ser humano passível de ser compartilhada e legada a gerações posteriores com produção de sentido. É por meio da cultura que os grupos sociais expressam suas concepções de mundo, construindo e preservando ritos, costumes e hábitos sociais.

4. Algumas considerações a partir do exposto

Com a Instituição da Lei 10.639/2003, observou-se que a educação no Brasil teve um ganho no sentido de oportunizar a formação dos professores, acerca desses “novos” conteúdos, possibilitando assim que o tema chegue ao conhecimento dos alunos. No entanto, esse espaço formativo como afirmaram a maioria dos professores entrevistados, ainda é pequeno frente à necessidade de apreensão desse conhecimento. Mais ainda assim, professores de várias áreas do conhecimento, e não somente os que estão enfatizadas na Lei, como a Educação Artística, Literatura e História, demonstram o interesse em expor os conteúdos ligados à cultura afro-brasileira, como os de Língua Portuguesa e Sociologia, por exemplo, mesmo admitindo que as dificuldades de interesse e compreensão por parte dos alunos se fazem presente.

Reconhecer as diferenças dentro da escola consiste no primeiro passo para uma educação democrática e emancipatória. Consideramos nessa pesquisa, a escola como meio de promover a cultura, meio pelo qual construímos nossa personalidade cultural. Precisamos repensar as práticas pedagógicas e nesse sentido o entendimento a cerca da cultura corporal tem servido de fomento para manutenção da cultura afro-brasileira e pode ainda potencializar essa apreensão dentro das escolas. Percebemos ainda, como ponto positivo, a articulação de

associações particulares (ONGs), a escola como forma de interação comunidade - lugar. As organizações que se apresentaram na pesquisa foram o movimento Ação Griô, Grupo de capoeira e samba de roda Filhos do Caquende, as Filarmônicas Minerva Cachoeirana e Lira Siciliana, fundadas em 1878 e 1870 respectivamente, segundo Jadson Santos (2001).

A importância da oralidade para composição dos registros históricos da cidade é notável. Devido às cheias frequentes do Paraguaçu, que acabaram por minorar as fontes escritas e documentais à cerca da história de Cachoeira, hoje, as informações sobre a preservação daquele patrimônio estão armazenadas na memória do seu povo, que, através da fala, repassam àqueles que desconhecem o seu passado.

É importante ressaltar a necessidade de compreender como os estudantes cachoeiranos, dentro de tantas maneiras de obtenção de informação que a cidade oferece, constroem suas concepções, de cultura e identidade de se sentir ou não afro-brasileiro. Nesse sentido, apontamos a necessidade de aprofundar esse estudo a fim de mapear a construção e o envolvimento do povo com a cultura na qual se encontram envoltos, sem distanciar de sua própria realidade evitando distorções e alienações a cerca do que é cultura, pois como afirma Bhabha (1998): “a cultura só emerge como um problema, ou uma problemática, no ponto em que há uma perda de significado na contestação e articulação da vida cotidiana entre classes, gêneros, raças e nações”. Fora esse aspecto, a cultura somente pode significar soluções.

Outro ponto relevante a destacar tange as práticas pedagógicas dos professores cachoeiranos. O comprometimento da ação docente com uma educação emancipatória é necessário e tem feito a diferença na educação local. Os professores que possuíam conhecimento a respeito da Lei 10.639/03 demonstravam mais motivação para trabalhar com conteúdos pertinentes a cultura afro-brasileira e, conseqüentemente, a cultura local.

Compreender o corpo como a possibilidade de existência e expressão de uma cultura situada, a cultura corporal, possibilita interpretá-lo como elemento de afirmação da cultura afro-brasileira. Seus estudos contribuem para o entendimento das diferentes culturas e elementos identitários que se destacam em cada uma delas. Concordamos com Karl Marx quando o pensador afirma que o ser humano caracteriza-se pelo princípio do movimento. No entanto, conforme defendia o autor, este movimento não pode ser interpretado mecanicamente, mas como impulso, vitalidade criadora, energia. Por seu lado, a paixão humana é a faculdade essencial do homem esforçando-se energicamente por alcançar seu objeto.

Pensar a cultura corporal em uma perspectiva histórico-cultural é pensar que a memória, é corpo, oralidade é corpo e é um campo que necessita ainda de muito estudos e elaboração de concepções pois durante muito tempo o corpo foi subjugado, o corpo foi escravizado, chicoteado, submisso, o corpo esteve a serviço do transporte de pesos, como no período escravista, ou ainda o corpo dentro da educação física o corpo que tem uma atividade pra cumprir e deixou-se de pensar no corpo que pensa, que sente, que conduz a cultura dos povos através das gerações, ou seja o corpo enquanto produtor de toda lógica cultural a qual pertencemos como sujeitos autuantes e portanto modificadores da sociedade.

Deste modo, dentro da perspectiva da Cultura Corporal, busca-se compreender como a cultura se dá por meio do corpo para cada um, como a sociedade contribui com suas formas e regras para manutenção de seus hábitos e costumes e como essa materialidade converte-se através da experiência corporal de cada indivíduo, dentro da própria sociedade, ao longo do tempo revisitado pela história do tempo presente.

Portanto, não pode haver transmissão de cultura, nem formação de sociedade se não houver um corpo no qual se possa comportar e dar movimento essa gama de significados, ou seja, o que se pode interpretar da realidade concreta na qual se vive. A materialidade da

cultura esta intrinsecamente ligada à experiência praticada através do corpo, independentemente da manifestação cultural e do lugar onde esta esteja.

Referências

ANDRÉ, Maria da Consolação. **O Ser Negro** – A construção de subjetividades em afro-brasileiros. Brasília: LGE Editora, 2008.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOGO, Ademar. **Identidade e Luta de classes**. 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

BORDAS, M. A.; SILVA, M. **O indivíduo coletivo**: reflexões e contrapontos nas utopias da constituição do indivíduo comunitário e suas manifestações. In: TENÓRIO, Robinson, M., LORDÊLO, José Albertino. (org.). Formação pela pesquisa: desafios pedagógicos, epistemológicos e políticos. 01 ed. salvador: EDUFBA, 2008, v. 01, p. 39-54

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas, SP; Mercado de Letras, 1985.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FLORESTAN, Fernandes. **O negro no mundo dos brancos**. 2ª Ed. Revista. São Paulo: Global, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC. 1989.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a Organização da Cultura**. 6ª Ed. Civilização Brasileira.

GREINER, Cristiane. **O Corpo: pistas sobre estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume; 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo e modernidade**. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LUZ, Marco Aurélio. **Cultura negra em tempos pós-modernos**. 2ª Ed. Salvador: EDUFBA, 2002.

MANACORDA, Mario Alighiero. **O Princípio Educativo em Gramsci**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1990.

MELLO, Mário Vieira de. **O conceito de uma educação da cultura**: com referência ao estético e à criação de um espírito ético no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MONTEIRO, Sueli Aparecida Itman (org.). **Culturas Contemporâneas, imaginário e Educação**: Reflexões e relatos de pesquisa. São Carlos: RiMa Editora, 2010.

MUNANGA, Kabengele (org.). **História do Negro no Brasil**. O negro na sociedade Brasileira: Resistência, participação e contribuição. Vol 1. Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares: 2004.

_____. (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2ª Ed. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade; Brasília: 2005.

NETO, Josias Pires. **Bahia Singular e Plural**: Registro Audiovisual de Folgedos, Festas e Rituais Populares. Salvador: Secretaria de Cultura e turismo, Fundação Cultural, 2005.

SANTOS, Jadson Luiz dos. **Cachoeira III Séculos de História e Tradição**. Bahia: Contraste Editora Gráfica, 2001.

SILVA, Maria Cecília de Paula. **Do Corpo Objeto ao Sujeito Histórico:** perspectivas do corpo na História da Educação Brasileira. Salvador: EDUFBA, 2009. a

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade;** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte; Autêntica, 2005. b

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna:** Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.